

SONHAR: alimento para a vida, para a alma

Marina de Souza Jacob
marinarosajacob@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/7020545323297575>

RESUMO

Este artigo visa analisar e discutir a temática dos sonhos a partir de referenciais da Mitologia Grega, Psicanálise, Literatura e da Educação. Buscamos compreender a importância dos sonhos no desenvolvimento da vida humana e como afetam seus planos de vida. Os sonhos se ligam à realidade sócio-cultural dos indivíduos, eles surgem a partir de referenciais da realidade vivida, refletir sobre tal realidade e como se pode sonhar com ela é importante instrumento no campo educativo

Palavras-chave: sonhos, realidade, cultura

Sonhar é um ato comum aos seres humanos. Acontece tanto no momento em que se deita e dorme, quanto acordado. Consciente ou inconscientemente; de olhos abertos ou fechados.

Sonhar remete tanto a vida, quanto a morte. Na mitologia grega, Morfeu, o Deus dos sonhos, é representado com asas que o levam rapidamente onde quer, quem dorme bem, sonha, é porque está em seus braços. Ao mesmo tempo, estar em seus braços, em seu poder, é o mesmo que estar morto. Este aspecto híbrido do deus mitológico parece ter originado o nome de um medicamento famoso como a morfina, substância para relaxar, tranquilizar como se morto ou dormindo estivesse o paciente, livrando-o da dor. E que dor maior não sofrera Dédalo, artesão e engenheiro, perante o azar do filho Ícaro? Dédalo foi convidado pelo rei Minos de Creta a ser seu inventor exclusivo e passou a criar somente conforme a vontade do monarca, perdendo aos poucos sua imaginação. Criou uma construção confusa – o labirinto - para esconder uma criatura horrível e canibalesca, o Minotauro, com quem a rainha traía Minos. Este monstro sobrevivia comendo carne de jovens, no entanto, um dia foi vencido por Teseu, com ajuda da filha do rei Minos, Ariadne. Ela se apaixonou por Teseu e com ele fugiu, deixando o pai tão amargurado que prendeu o artesão Dédalo e seu filho Ícaro dentro do labirinto. Dédalo inventou então um

modo de se livrar daquela prisão ao criar asas com penas dos pássaros que por lá caíam e cera quente. Avisou ao filho que não voasse alto demais próximo ao sol, para não derreter as asas, nem muito baixo perto do mar, para não umedecê-las a ponto de soltarem-se da armadura. Ícaro, porém, esqueceu-se do aviso paterno, ergueu-se muito alto, o sol derrete suas asas, vindo a cair dentro do mar. Desta história vem a expressão Sonho de Ícaro, cujo sentido evidencia a importância de manter o equilíbrio ao se desejar algumas metas; é o mesmo que dizer 'quem tudo quer, tudo perde'. Ícaro foi imprudente, exaltou-se demasiado com a ideia de sonhar alto e acabou morrendo. E qual o limite dos sonhos? Para que, por que, sonhar?

Pela via dos sonhos toda a sociedade cresce, progride, regride, ama, mata, incendeia. Sonha-se acordado ou dormindo.

Os sonhos, uma forma de excitação do inconsciente enquanto as pessoas dormem, por muito tempo foram desprezados pela ciência, somente com Sigmund Freud no século XIX, tornaram-se objeto de investigação, interpretados sob os vestígios do inconsciente, seriam eles uma espécie de explosão de desejos, medos, irrealizações, traumas mais profundos do ser humano, vindos à tona em forma de imagens sutis, fantasias (GARCIA-ROSA, 2004). Já que não se viveu este acontecimento na prática ou se o viveu traumáticamente, ele se manifesta no inconsciente, de modo polissêmico, multifacetado, em forma de sonhos. Eles se coadunam com a vida do sonhador, mostrando-lhe algum sentido; sonhos tem uma causalidade, conforme Freud. Não é possível escolher sonhos prazerosos ou pesadelos, são como um presente de Deus, dos deuses; sejam bons ou ruins. Através dos sonhos um lampejo de amor, alegria, realização, aviso podem vir à tona, independentemente da vontade do sonhador. Este sonho doado por Deus ou pela máquina cerebral, que não depende da vontade humana, pode ou não ser lembrado e interpretado, pode ou não ser apreciado, depende de cada pessoa.

Porém, o sonho que se sonha acordado, o sonho sinônimo de desejo, de fantasia, vontade, é essencial para qualquer homem, este sonho é que o tira da posição estática, do comodismo, elevando-o a num novo degrau. Que homem não sonha, não idealiza um fato? Sonho material, pessoal, simbólico, coletivo... Um personagem famoso por seus

sonhos é Don Quixote, admirador dos romances de cavalaria, que, de tanto ir em busca da justiça, de um ideal de bondade e retidão conforme seus princípios, perde-se em sua rica imaginação, confundindo realidade e ficção. Ele vive o seu próprio romance de cavalaria, em carne e osso, fazedor de justiças, vai da dignidade à loucura. Em busca de seus ideais, seus sonhos, ele, por exemplo, defende uma moça rica e bela, Marcela, que se tornou pastora e com ninguém queria se casar. Ela estava sendo duramente criticada, pois um jovem por ela se apaixonara e não sendo correspondido, suicida. Don Quixote intervém por ela, argumenta que ela possui o direito da liberdade, não poderia ser culpada pela ação de outrem. E Don Quixote revela todos seus sonhos a Sancho Pança, dialoga com ele, discute, mesmo que não fosse entendido. Não teria ele nenhum medo ou vergonha de sonhar e revelar-se; seus sonhos nascem de dentro de seu coração, de seus princípios, do que ele considera bom e belo. Don Quixote é um homem que não teme o inconsciente, assim seus sonhos borbulham à sua realidade, está próximo de seus instintos, daquilo que vem de dentro, “vê de dentro”, denomina-se isto de ‘insights’, cuja natureza provém de seu caráter, da honra, da justiça que julga possuir.

E nesta era digital como podem surgir os sonhos? São feitos de qual matéria, como são guiados?

Nesta era tecnológica em que se vive hoje, globalizada, hiperconectada, os sonhos da juventude e dos adultos estão profundamente afetados pelo *modus operandi* do trabalho, trânsito, poluição, mídia, consumo, mercado. A sociedade pós-moderna, chamada por Zigmund Bauman (2003), de sociedade líquida não planeja mais objetivos de longa duração e permanência, sequer entrevê um tipo de utopia, de união de grupos, de modo a melhorar a condição atual de seu tempo, seu *habitat*, visto que ela se encontra em estado de desordem, inseguranças, incertezas. A sociedade líquida preocupa-se demasiado com o prazer, não aquele prazer de Don Quixote, de defender seus ideais, ser justo e nobre perante todos, mas com o prazer individual, o qual é guiado pelas leis do mercado, pela busca do ter, de coisas externas. Este sonho pelo prazer exige um estímulo constante por novas experiências, realizações cujo futuro é incerto, instável. Conforme Bauman (2003), vive-se um momento em que a única certeza é a mudança, sonha-se por algo firme e certo, mas não se sabe ainda com o que e como encontrar tal

substância onírica para se firmar um propósito. Se não se sabe com o que se sonha, como cultivar a vida, torná-la bela, motivadora?

Para Rubem Alves nós somos sonhos encarnados e quem esquece os sonhos envelhece depressa. Só com sonhos, fantasias, utopias, pode-se construir um jardim de bondade. Não basta um jardim pequeno que trará solidão, é preciso um grande jardim, para desfrutar amplamente sua beleza e fertilidade, portanto, muitos jardineiros terão de se dedicar à sua construção. O povo são os jardineiros, o jardim é o país. Povo é quando várias pessoas sonham o mesmo sonho. É imperioso o sonho coletivo rumo à justiça, à proteção da natureza, dos direitos humanos fundamentais. Mas o homem líquido parece se enraizar numa vida acelerada, consumista, individualista, contentando-se com a própria subsistência, com a divulgação de sua vida particular nas redes sociais. Que matéria de sonho haverá neste novo homem? De onde vêm, para onde voam os sonhos pós-modernos?

Em pesquisa feita no Brasil, em 2015, com 625 pessoas maiores de 18 anos pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), constatou-se que viagens para o exterior e para dentro do país ocupam o primeiro lugar dos sonhos de consumo de brasileiros, seguindo a posse de um carro e realizar uma cirurgia plástica. E os sonhos da matéria do coletivo, sonhos impulsionados por um amanhã melhor, pela justiça, bom e belo, onde está a pesquisa?

Parece que estamos vivendo uma carência de utopias coletivas, assim como há carência de artistas, pensadores, professores, grupos de debates engajados na busca e concretização da beleza, justiça, bondade, ideais nobres para o homem viver em harmonia com a natureza e um com o outro. No Brasil, tomemos um breve exemplo da arte musical contemporânea e popular influenciada pelos novos comportamentos, relações humanas, amorosas, tanto no funk quanto sertanejo, forró, há um apelo à mensagens de conteúdo erótico-sexual, gozo sexual, traição, amores perdidos, trivialidades da vida cotidiana, enfim, que se restringem a expressar situações vividas particularmente. São letras elaboradas para o mercado, com intuito de venda. Certamente se verifica nelas um 'toque de sonho', porém um sonho individual, ordinário, não ultrapassa o senso comum de 'ter e fazer amor, ter uma casa, um trabalho, uma boa noite

num bar'. O público alvo deste tipo de letra musical é classificado por Adorno (2011) como aquele que só “escuta música como entretenimento e nada mais” (ADORNO, 2011, p. 75), portanto, um público não preocupado com o tipo de cultura a ser consumida, embora tenha ele capacidade crítica. O refrão do tipo “beber, cair e levantar”, “não tenho carro, não tenho teto e se ficar comigo é porque gosta, do meu ah, ah, lepo-lepo” faz parte do cotidiano histórico-social dos indivíduos que apreciam este conteúdo e o vivenciam.

Por meio da arte se divulgam ideais, modos de pensar, crenças; a arte traz consigo os valores da sociedade. Artistas: poetas, músicos, pintores são instrumentos vivos de propagação de sonhos. Estes só terão impactos se ressoarem dentro de cada pessoa avivando uma vontade imensa, na qual poderá acreditar para torná-la real. Que tipos de sonhos nossos artistas vêm fomentando ao público brasileiro com suas artes? Ao mesmo tempo, o público brasileiro deseja que espécies de sonhos? Há uma corrente de influências, uma sustentando a outra. Estudar sonhos de uma certa sociedade ou grupo, dirige inseparavelmente à caracterização deste universo cultural que movimentou tais sonhos; eles não estão separados da cadeia dos significantes e significados da realidade histórico-cultural imediata.

Pus o meu sonho num navio/ e o navio em cima do mar;/- depois, abri o mar com as mãos,/ para o meu sonho naufragar. (Cecília Meirelles) Os sonhos vão indo pelos navios, pelos mares, pelos tempos, se não se cuidar deles, afundam, naufragam para o mar do desconhecido, como nos versos da poetiza. Eles seguem viagem, valem mais que dinheiro, são como oxigênio a nos dar vida. Assim, torna-se de fundamental importância conversar sobre eles, interpretá-los, pontuá-los, interrogá-los. Um diálogo sobre os sonhos, do mais simples ao mais complexo, mesmo não sendo possível classificá-los, em ordem de complexidade, pode alargar as ideias em torno deles, intensificando-os ou amenizando-os, abrindo caminhos que nos levem a eles. Sonhar, pois o tempo passa... o tempo não espera... Rubem Alves conclama a importância de se criarem professores com novos olhares, que sejam capazes de provocar o espanto, o susto no aprendiz, tirando-o da gaiola, dotando-o da arte de voar, sonhar, com visão sensível, bem humorada, alegre da vida.

Conforme Vania Maria Rezende (1999), Ruth Rocha em seu livro “Faca sem ponta, galinha sem pé”, mostra-nos uma personagem criança deslocada de seus reais desejos, em meio ao mundo adulto, repressor, repleto de regras. A menina se vê impedida de sonhar, soltar imaginação, brincar perante o mundo adulto que é representado como um mal estar, infeliz, desatento, desencantado. Os personagens adultos representam tudo o que se distancia da infância, como se nunca antes tivessem vivido esta fase, não a retém sequer na memória. Sendo assim, Resende questiona como tais adultos poderão criar laços de afetos ou compartilhar sonhos com estas crianças? Como pais e educadores enfrentarão esta tarefa? Conforme Resende (1999) as crianças

são permanentemente acionadas por pulsões de sonhos, estão sempre deslocando-se em função do novo, da descoberta, da alegria de desejar. Partem a cada momento. Para elas não vale a fixidez, o aprisionamento, a censura. Não são submissas ao velho, ao razoável, ao que acomoda monotonamente. Por isso, povoam sempre lugares surpreendentes, confortáveis, porque alimentados por vida. (RESENDE, 1999, p.112)

O olhar das crianças do livros de Ruth Rocha volta-se ao alto, ao azul, à imensidão, à luz, à surpresa de habitar o novo, por isto elas seguem voando para fora da sala, deixando a professora sozinha, frustrada. Seu choro está ligado à carência dos métodos e relações tradicionais, estanques, azedos, sem desejos. Evidencia-se ai que a educação formal, nos moldes tradicionais, não foram capazes de prender atenção e o gosto dos pequenos, educação que não engendra o encanto e o sonho.

Sonhar, nesta Era Líquida, pós-moderna é um ato de extremas coragem, persistência e necessidade frente à insegurança e falta de referenciais sólidos acerca do bem viver, de família, vida a dois, Deus, etc.

“Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso”, conforme Fernando Pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Por falar em sonho.** Disponível em: <
<http://bomjesuscampoalegre.blogspot.com.br/2014/07/por-falar-em-sonho-rubem-alves.html>>
Acesso em 11 de fevereiro de 2018

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.

COLI, Jorge. **O que é arte.** Disponível em: <<http://files.enfermeiros-unemat.webnode.com/200000011-06b4607aef/O%20Que%20%C3%A9%20Arte.pdf>>

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MENESES, Adelia Bezerra. **O sonho e a literatura: Mundo Grego.** Revista Psicologia. USP. Vol. 11, n. 2, SP, 2000. Disponível em: <
<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/108116/106447>> Acesso 11 de fevereiro de 2018

Pesquisa. Sonhos de consumo do brasileiro incluem viagem, carro e plástica. Disponível em: <
<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/01/sonhos-de-consumo-do-brasileiro-incluem-viagem-carro-e-plastica.html>> Acesso em: 13 de fevereiro de 2018

RESENDE, Vania Maria. **Literatura e Sonho: subversão do olhar.** Perspectiva. Florianópolis. Vol. 17. Pag. 103-125, jan.-jun. 1999 <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10710/10215>>

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto, Pedagogia pela Universidade de Uberaba, Pós-graduação em Língua Portuguesa pela PUC-MG, mestrado em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais com bolsa da Fapemig. Atualmente atua na rede básica do ensino no interior de Minas Gerais.